

ECONOMIA SOLIDÁRIA EM SEMINÁRIOS DO CET 2000 – 2001 – 2002 – 2006

A questão da Economia Solidária sempre esteve presente nas buscas e perspectivas do CET. Alguns seminários dos tempos mais recentes foram particularmente expressivos destas preocupações.

Foi o caso do seminário realizado no final do ano de **2000**. Alguns meses antes, visando a melhor preparação das discussões sobre o tema, procedeu-se a um levantamento e uma sistematização prévia das questões que até então mais preocupavam a todas as escolas. Como segue:

- Como entender o que já temos feito no campo da produção associada, sob a ótica da economia solidária? Esse é o caminho? Será que não estamos deixando de dar passos?
- É difícil a articulação entre educação e produção. Mas já temos várias experiências. Será que estamos deixando de ver as riquezas dessas experiências?
- Como inserir os alunos nessa discussão? Como trabalhar o conceito de economia solidária com eles?
- Como nossas escolas se inserem no contexto da economia solidária? Devemos mexer nos programas? Incentivar a criação de grupos? de cooperativas?
- Qual o ambiente adequado para a proliferação dessas iniciativas?
- Educação é parte da economia solidária. É preparar para uma vida social diferente. Nesse sentido, as escolas já estão reforçando essa economia solidária.
- Só estimular não adianta. Temos que dar condições para que os alunos iniciem seus empreendimentos.
- Temos que reafirmar a importância da educação. O próximo seminário tem que tirar um posicionamento sobre o papel da educação em relação à economia solidária. É importante distinguir entre economia popular e economia solidária.
- A produção associada, em muitas das escolas do CET, foi pensada para a sustentação/manutenção dos cursos.
- Perspectiva da socioeconomia solidária como alternativa para sustentação das escolas.

O seminário foi realizado no final do ano. Para contribuir na discussão do tema, o CET convidou Luis Inácio Gaiger¹, pesquisador da UNISINOS (Rio Grande do Sul) e assessor de grupos e organizações com atuação no campo da economia solidária.

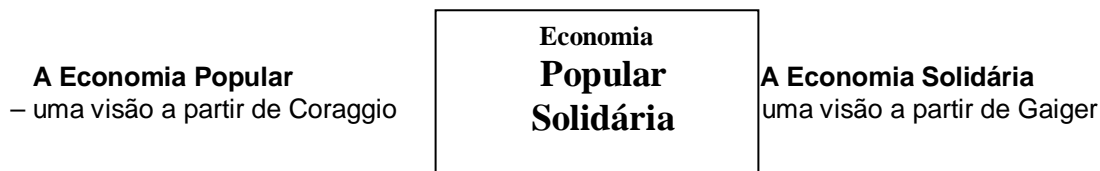
Os resultados das discussões foram publicados no caderno **Memória de Oficinas Entre Escolas de Trabalhadores 2 – Economia Popular Solidária em seminário** (ver em [Economia Popular Solidária – uma conversa de Luís Inácio Gaiger com o CET](#)).

¹ - www.ecosol.org.br

No ano de 2001, o tema foi retomado e sua discussão teve como ponto de partida uma comparação entre as posições de Luis Inácio Gaiger e de José Luis Coraggio², economista da Argentina. São posições diversas mas convergentes, e muito têm contribuído na construção do pensamento e da prática da economia popular solidária na América Latina.

Um apanhado das colocações (previamente preparadas pela Capina):

Economia Popular e Economia Solidária – breve síntese das posições de Coraggio e de Gaiger



Resumo da posição de Coraggio

A unidade de referência:

a **Unidade Doméstica**, ou o domicílio, como o **Núcleo de Reprodução da Vida**.

O instrumento principal:

o **Fundo de Trabalho**, ou o conjunto dos recursos, dos meios e das capacidades que, em cada núcleo, são postos em comum e são administrados mediante uma estratégia comum de reprodução da vida.

Os vários modos de realização do Fundo de Trabalho:

- trabalho assalariado (individual ou coletivo, temporário ou permanente)
- produção de bens e serviços vendidos no mercado
- produção de bens e serviços para o próprio consumo
- trabalho solidário para produção de bens ou serviços de consumo coletivo
- investimento nas próprias capacidades e maestrias

Os fatores de valorização do Fundo de Trabalho:

- capacidade de percepção e a compreensão do contexto e das relações
- conhecimento das normas jurídicas, das normas de conduta, etc.
- disposição para tomar iniciativas e mobilizar a comunidade
- acesso às informações sobre mercado, tecnologias, sistemas, etc. que contribuam para a reprodução da vida
- capacidade de converter idéias em projetos viáveis
- participação em alianças e lutas sociais

2 – www.riless.org riless@riless.org riless@ungs.edu.ar

O lugar na Economia:

Economia empresarial capitalista,

- cuja unidade de base são as empresas e
- cuja finalidade é mais lucro

Economia estatal

- cuja unidade de base são os postos chave nas organizações governamentais e
- cuja finalidade é a manutenção no poder

Economia popular

- cuja unidade de base são as unidades domésticas e
- cuja finalidade é a reprodução da vida

Essa economia popular, por si mesma, não é diferente daquela capitalista. Ela tem que sofrer uma grande mudança para poder se construir como um

Sistema de Economia do Trabalho

- cuja unidade de base sejam as Unidades domésticas e
- cuja finalidade seja a **Reprodução Ampliada da Vida**

Para isso terá que haver uma **transformação estrutural**

Econômica: direcionamento de recursos

Política: democracia participativa

Cultural: luta cultural / resignificação social

Resumo da posição do Gaiger

A Unidade de Referência:

os Empreendimentos Econômicos Solidários – **EES**,
que casam o espírito solidário com o espírito empresarial

Tipologia dos EES:

- Projetos alternativos comunitários (Cáritas)
- Empresas autogestionárias (Anteag)
- Cooperativas (do Movimento cooperativista, do MST e das Incubadoras)
- Associações de produtores
- Clubes de trocas, Lets,
- Associações de crédito, o Banco Ético...

Só para se ter uma idéia, no Brasil, o número de cooperativas que, em 1990, era de 3.550 e, em 1994, 3.700, passou a 5102 em 1998, impulsionado sobretudo pelo crescimento das cooperativas de trabalho. Não que, necessariamente, cooperativismo seja sinônimo de solidariedade. Na verdade, no Brasil, existem diversas espécies de cooperativas: as empresariais (tipo CCPL), as econômicas (tipo UNIMED), outras que são fraudulentas, as cooperagatos, além das que caracterizamos como os EES.

Traços característicos dos Empreendimentos Econômicos Solidários

- Autogestão
- Democracia

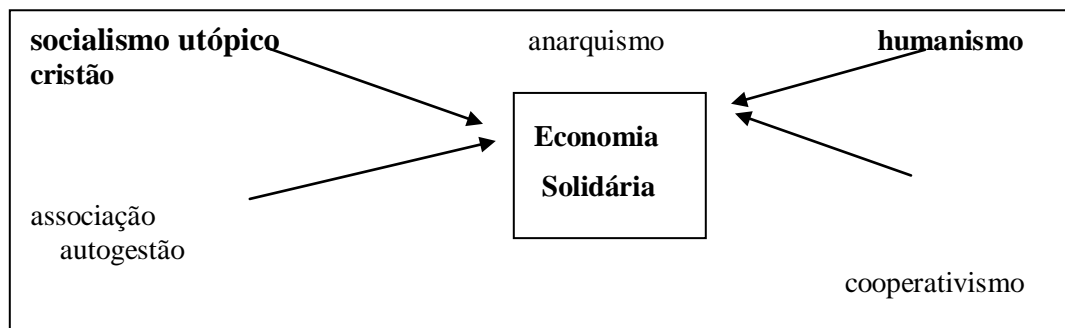
- Participação
- Igualitarismo
- Auto-sustentabilidade
- Desenvolvimento humano
- Cooperação no trabalho
- Responsabilidade social

Os EES não estão voltados apenas, como as empresas, para a sua viabilidade econômica, senão para a viabilidade social, o cuidado com o meio ambiente e a viabilidade de toda a sociedade. Por sua solidariedade, os EES geram os fatores de sua própria viabilidade.

Características socializantes dos EES

- Socialização dos meios de produção e do produto do trabalho
- Exercício democrático do poder
- Gestão autônoma e participativa
- Integração de todas as dimensões: econômica, social e espiritual
- Desalienação do trabalho
- Busca do desenvolvimento integral
- Ampliação das oportunidades de realização dos indivíduos
- Lógica do dom e da gratuidade.

A Economia Popular Solidária significa a confluência de diversas vertentes



Trata-se de uma aposta histórica. Não existe Economia Solidária como um todo orgânico.

Fontes de Energia Potencial	
1) Relação assalariada Trabalho <u>Transform.Valor</u> C → Lucro Mais Valor	1) Relação de cooperação Autogestão / propriedade social
2) Mercado mercantilista Lógica de supressão do mercado	2) Práticas de trocas Interesses recíprocos e relacionais

Finalmente, Gaiger aborda duas questões:

- 1) O mercado nasceu com o capitalismo?
- 2) Estaria condenado a ser sempre dominado pelos capitalistas?

A primeira resposta é não. O mercado é uma criação histórica muito antiga da humanidade.

Podemos pensar a relação da Economia popular solidária com a Economia Mercantil Capitalista de três modos diversos:

- primeiro modo, como dois conjuntos que podem viver paralelamente, sem ter nenhuma área de intercessão entre eles; como se fossem água e óleo.
- segundo modo, como se o conjunto da economia popular solidária estivesse dentro da economia mercantil capitalista com a qual, porém, não mantém nenhuma relação a fim de proteger-se em sua pureza.
- enfim, o terceiro modo, de dois sistemas que se interrelacionam e convivem, como o único modo de a economia popular e solidária poder se fortalecer e enfrentar os seus desafios.

As conclusões de Gaiger estão pautadas nos três andares de Fernand Braudel (historiador francês):

- o andar de cima, onde se situam os capitalistas, com sua Economia Mundo, de predadores;
- o andar do meio, o primeiro andar, onde está o mercado das trocas;
- o andar de baixo, do rés do chão, onde se pratica a economia da vida.

Com o atual estágio da globalização, até parece que nada escapa ao capital, que nada escapa à dominação dos grandes grupos econômicos.

Mas não é bem assim, no ver de Gaiger: há margens de políticas que podem ser desenvolvidas:

- pode-se manejar estratégias de trocas, sem que isso signifique a mercantilização das relações;
- pode-se desenvolver a economia solidária nas bordas e nos interstícios desse sistema capitalista.

XXXXXX

Até aqui as posições de Coraggio e de Gaiger a respeito da economia popular e solidária.

No debate que se seguiu, foi observado que, nos dias de hoje, esse é um campo que está em disputa. Nem precisa ir muito longe: basta ver a importância que dá o Banco Mundial, em seu combate à pobreza, aos programas de geração de trabalho e renda e de micro crédito.

E no meio dessa verdadeira guerra cultural, a hegemonia liberal reinante não deixa de produzir os seus intelectuais “de serviço”. Um desses é o peruano Hernando de Soto, que tem um livro chamado *El Misterio del Capital – Por qué el capitalismo triunfa en occidente y fracassa en el resto del mundo*, que foi muito celebrado por nomes como Milton Friedman, Francis Fukuyama, Margaret Thatcher entre outros. Neste livro, de Soto prega um choque de capitalismo para acabar com a pobreza. Para ele, os pobres do Terceiro mundo são pobres porque não conseguiram atingir o estágio superior da humanidade: o do capitalismo. Sequer podem contar com um estatuto legal de sua propriedade. Se tivessem suas propriedades legalizadas – as suas moradias ou oficinas de fundo de quintal, nas favelas que fossem – poderiam transformá-las em créditos produtivos, quer dizer, em capital capaz de desenvolvimento autosustentável. Para ele, se tomamos como referência as propriedades dos pobres, isso representaria muito mais recursos do que todo o dinheiro ultimamente investido no combate à pobreza no mundo.

Esta é uma dimensão muito clara da globalização do capitalismo atual: não apenas a sua expansão geográfica para todo o mundo, ou seu caráter extensivo, mas também a sua penetração até no fundo de cada cultura, de cada cidade, de cada um de nós, ou seu caráter intensivo. O capitalismo atual pede e tem fome e sede de nossa própria alma, de nosso tempo todo de vida.

Assim é que se caminha no sentido de se transformar tudo em mercadoria, destruindo-se todos os direitos sociais até aqui conquistados.

Nos seminários de **2002 e de 2006**, o tema central foi: **Educação e Economia Popular e Solidária**

Em **2002**, em grupos, a discussão deu-se em torno da seguinte questão:

A partir da sua experiência, como vê a possibilidade de fortalecer a economia solidária?

Em **2006**, as atenções novamente se voltaram para o tema Economia Solidária e Educação. Estreitou-se a troca de experiências entre as escolas. As seguintes questões, previamente preparadas por todos em cada escola, serviram como fio organizador dessa troca:

Como tem sido o trabalho em economia solidária em sua escola:

- Qual a sua concepção de economia solidária? O que se entende por economia solidária? Como cada um tem tratado esse tema?
- O que e como está sendo feito de concreto? Que experiências, atividades, etc.
- Que desafios e possibilidades têm se apresentado?
- Por que a opção de se trabalhar com economia solidária?

Segue um breve resumo das colocações que refletem o conjunto das discussões nesses seminários:

1. Apresentações dos grupos que mostram algumas práticas realizadas até então no âmbito do CET.

- Não se pode reduzir economia solidária apenas às cooperativas. Por um lado, muitas cooperativas não são economia solidária. Por outro lado, em várias cooperativas, mesmo quando não dão certo, muitos dos que participam, quando saem, saem pessoas melhores. O CEEP já vem discutindo este assunto há mais tempo e já deu início a quatro cooperativas, duas das quais estão funcionando. Mas será que é mesmo só o cooperativismo que é economia solidária?
- Em nossas escolas, temos experiências de produção socializada que se aproximam de uma economia solidária.
- O CTC não chama de economia solidária a produção de serviços eletrônicos que é feita lá por um grupo de monitores do curso de eletrônica. Chamam de produção associativa. São serviços vendidos a empresas, que servem para sustentar o curso de eletrônica. O que significa isso? O grupo de eletrônicos do CTC, com o seu trabalho de produção associada, mantém uma proposta de educação que é contrária à lógica de reprodução do capital. Essa é a educação que nós sabemos fazer. Isso tem a ver com economia solidária.
- Em Santo André, na Fundação Florestan Fernandes, os ex-alunos estão pensando em sua própria sobrevivência: engatinham algumas cooperativas de mulheres.

- No CADTS, no início, os cursos de mecânica se davam em cima da produção de equipamentos agrícolas, desenvolvendo toda uma relação com os agricultores. Depois essa produção começou a interferir na aprendizagem e o CADTS então, em conjunto com outros apoios, criou a APAC (Associação de Produtores Autônomos da Cidade e do Campo) que, a partir daí, passou a assumir a produção.
Houve também várias outras experiências. Entre os alunos da Eletricidade, vários deles se organizaram em grupos de prestação de serviços. Algumas foram iniciativas felizes, outras nem tanto.
Hoje temos a gráfica GraVida, que trabalha sobretudo para o movimento social. No primeiro grupo, havia pessoas que não tinham visão de economia solidária. Deu muitos problemas. O grupo se desfez e um novo grupo vai se formando. Não é fácil.
- Na Mesquita, a experiência mais quente é a Cadeia Produtiva do Skate. A idéia surgiu no módulo 1 do Consórcio Social da Juventude, com quem tivemos um convênio. A Mesquita foi a entidade executora do módulo.
Conjugamos então cinco entidades para criar um empreendimento. São 30 jovens, ligados a essas entidades, e cada um dos 5 grupos se encarrega de uma parte da cadeia: a confecção dos tênis ficou com a Escola 8 de Março, do sindicato dos sapateiros de Novo Hamburgo; as mochilas, por conta do Instituto Leonardo Murialdo – ILEM; a confecção, dentro da estética do skate, é feita por outra instituição de Canoas; e o shape é feito pelos meninos de uma marcenaria da Fundação Pão para os Pobres – com madeira certificada, doada pelo Green Peace; e os garotos da Mesquita ficaram com a arte final. Futuramente querem trabalhar também o track que hoje é fornecido por uma fundição, em parceria.

Pensa-se também em juntar a confecção com a Cadeia do Algodão da Economia Solidária. Estamos na fase de construir o primeiro lote experimental de 100 exemplares de cada produto. Temos 5 coordenadores: da administração, coordenação de marketing, de produção e coordenação geral.

Há toda uma cultura de um certo tipo de juventude por detrás do skate. Assim pensamos em ampliar a cadeia, incluindo divulgação, revista, fotografia, filmagem, grafite, música, etc.
É uma experiência muito nova e estamos aprendendo muito com os meninos. São algumas experiências que estão sendo feitas no Brasil: aqui no Rio, a cadeia do vestiário; em Fortaleza a cadeia do surf; nós com o skate...

2. Breve apanhado das discussões sobre a economia solidária e a educação

- Outra questão é a da educação na economia solidária: o que é isso? Será que é apenas a disseminação de uma proposta metodológica?
- Em nosso grupo, concluímos três coisas.
 - a. Primeiro, a respeito da conceituação: para discernir se um empreendimento é ou não da economia solidária, destacamos dois elementos:
 - quem é o dono dos meios de produção; pois, num empreendimento solidário, as máquinas são de propriedade coletiva. E
 - como é decidida a distribuição e o fruto do trabalho; se decidido de forma igual, então se caracterizaria um empreendimento solidário.

Essa forma de economia implica um conflito com a economia da sociedade que aí está, com a economia da sociedade capitalista, que é baseada na competição e não na

solidariedade. Daí a dificuldade até de compreensão, já que não temos ainda nenhuma rede de economia solidária mais consolidada.

- b. As experiências, de modo geral, se organizam em forma de cooperativas ou de empresas autogestionárias; algumas são positivas, outras, nem tanto. Mas muitas daquelas que vivem de fato a partir da iniciativa solidária são experiências importantes.
- c. A economia solidária é um desafio para nós, das Escolas de Trabalhadores. Primeiro, temos que conhecer melhor essa proposta, pois não temos muita análise disso. A esquerda não elaborou muito sobre isso. Em geral, ela sempre propôs uma economia vinculada ao estado, à estatização. E a Economia Solidária não se situa nem no privado nem no estatal.

Certamente, temos que ver também as dificuldades que os grupos apresentam. Assim, por exemplo, tomando pela região de Porto Alegre, percebemos quatro tipos de problemas:

- o saber fazer, ou o domínio técnico da atividade;
- o mercado, pois não adianta produzir se não tem nem expectativa de comercialização;
- o financiamento, pois, muitas vezes até se tem boas idéias e boa gente, mas não tem financiamento e
- o marco legal, que não é favorável e que não traz benefícios, pois, para esse setor, não há uma legislação consistente.

Assim, o nosso desafio é encontrar qual a nossa posição: seja enquanto escolas seja enquanto Conselho. E também na prática: em nossa região, quais são as nossas propostas, a partir de nossas funções nas escolas?

Um marco diferencial das nossas escolas são as relações de participação, de solidariedade e de cooperação que elas desenvolvem. Elas são fruto de uma vivência prática, cotidiana – porque as formas de vida diferente não acontecem como dons. Assim, é importante ir suprindo as lacunas que esses grupos apresentam. E nisso, nossas escolas têm uma contribuição.

- Na economia solidária, os trabalhadores passam a ser os donos, passando a decidir e atribuir valor ao produto em função do seu trabalho. O que acaba mudando a forma de ver o mundo. E passam a olhar a sociedade de forma diferente, passam a valorizar os outros e a fazer questão que os outros estejam presentes, que tenham espaço no poder gerado.

Essa economia se contrapõe à economia capitalista. Mas as pessoas que estão dentro da economia solidária têm que ter consciência do que estão fazendo. Para isso, tem todo um processo de discussão, dos valores, do acúmulo de experiências e de conhecimentos.

Mas isso só acontece a partir da vivência prática, porque só a partir da vivência prática dá para reverter as coisas que pensamos, o modo de ver as coisas, os valores “tronchos” aprendidos durante a vida.

As escolas de trabalhadores têm uma responsabilidade grande, porque vivenciam isso todo dia, ficando atentos todo dia às questões mínimas das relações, da participação de cada um. Isso são coisas que a gente discute sempre. Pois, para nós, o que faz a diferença é não competir com outros grupos; não só o ser solidário internacionalmente, mas promover os outros grupos, com igualdade.

- Hoje, as escolas não estão mais preparando só para o mercado de trabalho. Há necessidade de preparar os alunos até mesmo para trabalhos sem carteira assinada; por conta própria, ou sozinhos ou em grupos.

Para assumir esse lado, tem que ter experiência de comercialização e de administração, além de produção: não só experiência, mas também conhecimentos: de como compor um custo, de como fazer o preço, etc. Para quando tiver que assumir essa responsabilidade ele tenha condições. As Escolas de Trabalhadores têm que ficar mais atentas a isso.

- Nossas escolas podem ainda contribuir mais para elevar o patamar de qualidade tecnológica dos trabalhadores da economia solidária.
- Temos consciência de que a economia solidária pode se opor à economia capitalista, mas há muito a ser amadurecido. O importante é que essa discussão não morra no dia a dia. São muitas questões.
- Não vemos a Economia Solidária só na perspectiva de uma alternativa ao desemprego. É mais: vemos como a construção de um novo paradigma de relações econômicas, sociais e culturais, como uma nova forma de relação e de valores, não sustentados na dimensão individualista, em que predomina o lucro, mas na democratização dos meios de produção e da gestão.
- Mesmo se não temos uma concepção tão clara, temos uma base definida em princípios: em primeiro lugar, economia solidária não é uma forma só de geração de trabalho e renda, mas é uma forma de se organizar, sob os princípios da democracia, da solidariedade e da gestão coletiva.

E mais: a economia é uma ciência e a gente pode ensinar. Mas a solidariedade não se ensina: tem que viver. E a gente entra na Economia Solidária é pelo viés da solidariedade. porque em nossas escolas, ela é uma possibilidade sim, é uma realidade que a gente vive.

- A preocupação é: qual a nossa posição em relação à Economia Solidária? Qual a nossa ação? Há diferentes concepções. E diferentes limites, que não são fixos, mas se fortalecem a cada dia que se expandem. A questão da Economia Solidária não é dada, fechada. Então, como tratar essa questão numa perspectiva de construção da sociedade?

Essa discussão carece de ser feita, até porque existe um tensionamento de posições entre nós que, se bem discutidas, podemos chegar a uma base comum.

- Como valorizamos as diversas concepções e ações da economia solidária? Qual a nossa relação com o poder público? Com o mercado? Quando um grupo faz alguma coisa e se fecha na comunidade, como a gente pondera isso? Temos que abrir o guarda roupa. Ninguém tem uma visão pronta. É uma construção: de uma luta social e da nossa posição.

É claro que o governo tem uma proposta de Economia Solidária. O que, em alguns aspectos, pode ser vantagem, ou não. E ela não é da cabeça dos governantes não. É porque há forças sociais que sustentam isso. E esse é o embate. É sobre esse embate que temos que tomar posição, senão ficamos dando uma de vítimas. Senão ficamos paralizados. Fazemos a crítica mas não construímos uma posição, não nos expomos. Temos que ter uma proposta e brigar por ela.

Temos que trabalhar isso, até do ponto de vista conceitual, no enfrentamento com o capital. Temos que saber de que Economia Solidária estamos falando. O que ela é e em que é diferente ou parecida com o que está por aí. Em que ela é diferente das copergatos...